

CAPELA DE SÃO MIGUEL PAULISTA

o projeto de intervenção como ferramenta de entendimento: taipa

SILVA, TANIA C. B. M

1. Universidade Presbiteriana Mackenzie.
Rua Manoel dos Santos, 39, V.Gomes Cardim, São Paulo, SP.
tmiotto@uol.com.br

Palavras-chave: Capela de São Miguel Arcanjo (SP), patrimônio histórico, restauração

Resumo

Este trabalho busca conhecer e sumarizar a metodologia de projeto de restauro da Capela de São Miguel Arcanjo, em São Paulo, no propósito de entender os posicionamentos de intervenção que possibilitaram reintegrá-la à comunidade. Pretende-se investigar esta situação e relacionar as ações da fase pioneira do IPHAN com as da intervenção atual. Nesta etapa, demonstrar que etapas preliminares e executivas acabavam acontecendo simultaneamente, com empirismo de métodos de trabalho, visíveis nas pesquisas documentais e pela falta de experiência anterior. A partir dos efeitos da história na identidade do Monumento, nos propomos entender as conexões relevantes que colaboraram para desenvolver o projeto de intervenção, no caso específico sobre a ótica da taipa de pilão. Esta amostragem sobre o patrimônio nos torna conscientes dos fatos e cientes sobre as atitudes e suas conseqüências.

1. LEVANTAMENTO MÉTRICO ARQUITETÔNICO

Documento histórico e instrumento para possíveis intervenções, o levantamento métrico-arquitetônico consiste num registro gráfico do imóvel construído baseado na tomada de medidas das fachadas, ambientes e detalhes construtivos essenciais à leitura do edifício. Também é realizado a catalogação dos elementos artísticos móveis e integrados pertencentes ao Monumento, parte integrante do seu acervo e história. Esta atividade permite a visualização do Monumento e da distribuição dos ambientes internos, apontando as características do tipo arquitetônico e signo de uma época.

A análise do estado de conservação auxilia na formulação de critérios de restauro que compatibilizem elementos a serem preservados, novos projetos de implantação e os procedimentos metodológicos necessários para a execução dos serviços, estabelecendo uma hierarquia de valores histórico-espaciais. As fontes primárias para o levantamento e registro de informações pertinentes ao objeto de estudo, a Capela de São Miguel Arcanjo, em São Paulo, foram arquivos

documentais do IPHAN e CONDEPHAAT, tendo sido analisados os projetos de levantamento e os documentos iconográficos. Como fonte secundária utilizou-se a bibliografia de Saia (2005), Costa (1941) e Petrone (1995).

Efetuada análise da característica de estilo, com base na documentação e leitura direta, foi preciso analisar a relação com as demais edificações do período. O grau de elaboração técnica e plástica dos componentes, a estrutura e desenvolvimento do partido arquitetônico e a hierarquia dos valores espaciais permitiram a leitura dos procedimentos de preservação, parte integrante de conservação do conjunto.

2. INTERVENÇÕES

Neste cenário se questiona sobre as atitudes do profissional diante do patrimônio e o surgimento de novas necessidades que influenciam o existente, dentro de uma possível transformação. As obras estão sujeitas aos desgastes, pelas ações físicas, funcionais ou estéticas, já que os valores e programas de uso se modificam. A intervenção física na matéria assegura uma integridade estrutural ou estética para a sobrevivência do Monumento e extrapola o projeto ao especificar técnicas construtivas e suas viabilidades. Na recuperação de uma estrutura histórica, podem ser usados elementos novos para substituir peças avariadas, ou parte delas, com respeito aos valores históricos e estéticos relevantes, desde que esta seja uma resposta apropriada às necessidades ou exigências da restauração.

As intervenções destinam-se a eliminar a obsolescência física e funcional e permitem um uso que evite a destruição. A revitalização trabalha a memória coletivaⁱ, a noção de espaço e cidades reformulando componentes, associando funções e acrescentando intenções ao projeto, respeitando seu caráter original. De qualquer modo, cabe ao arquiteto o papel da preservação e sua adequação ao modo de uso contemporâneo, ao associar transformação com crescimento, entendendo o passado como história e embasando uma ação de presente e futuro.

Ao se restituir o conjunto, é preciso que as respostas se façam presentes também nos relatórios e peças gráficas, espelhadas em exercícios atuais de conservação. Se cada caso é um caso - assim como cada desenho é único nas suas variantes dentro do campo da conservação, como enfatiza Kuhl (2006) - o rigor e a adequação dos métodos na avaliação do existente devem se apoiar numa história que torne apto os caracteres para se entender o significado do monumento e, assim, reintegrá-lo ao tempo atual. Especificamente a análise será sobre a intervenção na alvenaria histórica somados ao entendimento dos materiais sobreviventes (1939-1940) e dos utilizados na consolidação(2006-2008).

Análises físicas e químicas se fazem necessárias com base em amostras a fim de identificar características e preparar materiais compatíveis. Argamassas antigas são heterogêneas devido ao

envelhecimento e mudança micro estrutural, entre outros fatores. Importante é definir o nível de informação necessária para fundamentar a intervenção, determinando o aglomerante, o traço e os agregados para se conhecer propriedades como resistência, textura e porosidade: “Uma condição prévia às análises das argamassas antigas é ter objetivos claros e completa documentação das amostras” (KANAN, 2008, p. 40).

Conforme inscrição na verga principalⁱⁱ, a Capela de São Miguel é constituída por um bloco mais antigo, datado de 1622, em taipa, construído pelo bandeirante Fernando Munhoz e pelo Padre João Álvares. Ela sofreu reformas no século XVIII, sob orientação dos franciscanos, e foi acrescida de um complemento de adobe que elevou o pé direito de quatro para seis metros, conforme citação de Lúcio Costa, onde o telhado da nave subiu, deixando em nível inferior a cobertura da varanda lateral.

A técnica de taipaⁱⁱⁱ foi introduzida nas primeiras construções paulistas pelo Padre Afonso Brás - o “primeiro arquiteto paulista”. O Padre Fernão Cardim, em visita à São Paulo em 1585, também citou o colégio e sua construção revestida com o barro branco - a tabatinga, argila branca de revestimento, obtida na Ladeira da Tabatinguera (TOLEDO, 2007). A cidade de São Paulo, em seus primórdios, tinha esta paisagem em construção de terra, o material à mão dos primeiros habitantes na falta de pedra e cal. Segundo Saint-Hilaire (1819, p.156),^{iv} no século XIX ainda persistia o cenário da terra.^v

Na retirada do revestimento de taipa na parte externa (restauro de 1939), tendo à frente o arquiteto Luis Saia, foi constatada uma construção anterior à atual, com aproveitamento das paredes da taipa. A atual se apresentara com 6,20m: “[...]a diferença de 2,30ms é de adobe. Isso nas paredes laterais da nave, na parede da fachada é visível ainda na ligação da taipa com o adobe o caimento do telhado da primitiva Capela”. (SAIA, 1940, sem página).

Em outra correspondência foi levantada a hipótese da existência de uma Capela menor antes da atual, cujas paredes foram aproveitadas. (SAIA, 1940, sem página). Com o prosseguimento dos trabalhos, se encontrou uma camisa de tijolos por toda volta do edifício, aspecto que deformava o caráter da construção. Além desses achados, foram encontrados vestígios de antigas portas e janelas, somados aos depoimentos dos moradores da existência de esquadrias recentes e óculos fechados. A dúvida pairava sobre as reaberturas, manutenção e refazimentos. O que deveria ser feito?

Ainda : indícios de revestimento sob os esteios internos encontrados na parede lateral da nave permitiram formular outra hipótese de que os esteios eram de uma reforma posterior ao alteamento da Capela, bem como toda a armadura do telhado. Porém, os esteios eram de madeira lavrada, o que indicava uma reforma antiga.^{vi}

Em resposta a reabertura das esquadrias, não houve interesse dos envolvidos, já que os elementos não possuíam características que justificassem a sua recolocação, reforçada pelo inconveniente da fabricação de elementos para o fechamento dos vãos. Isto pode ser verificado em carta de José Souza Reis (1940, sem página), arquiteto da equipe: "Creio que não há interesse em reabrir esta porta, uma vez que a primitiva Capela praticamente desapareceu". Sobre os esteios internos, caso fossem retirados, não eram prioridade frente a outros itens e sua relação com o resultado que poderia ser obtido. Além disso, Saia (1940, sem página) afirma em carta que esta reforma encontrada era importante e que poderia ser preservada enquanto registro de uma alteração: "A documentação prova bem que a suposição da forma anterior do alpendre assim o retorno aos esteios de madeira de acordo com os vestígios, é o que parece certo".

Para embasar essas atitudes, os técnicos do SPHAN tiveram que realizar estudos e pesquisas e, como mostra a intervenção de 1939-1940, houve peculiaridades que resultaram em intervenções próprias e não em atitudes aleatórias. Temos que salientar a importância da metodologia, um verdadeiro exercício cognitivo, na interferência dos Monumentos, que, como aponta Maria Lúcia Bressan Pinheiro (2007, apud GONÇALVES, 2007, p. 15), "encontra até hoje muita ressonância nos meios patrimoniais"^{vii}.

A releitura crítica das experiências realizadas pelo SPHAN em sua fase pioneira privilegiaram uma dada leitura da história da arquitetura brasileira. Questiona-se a consideração da validade das diversas fases por que passou o monumento histórico e como essas decisões podem ser refletidas no momento atual. Como aponta Cristiane Gonçalves (2007, p. 77), o processo de restauro realizado pela equipe do SPHAN estava "desamparado por um julgamento prévio e preliminarmente estabelecido em um projeto de restauro". Para o restauro de 2006, o contato com a documentação revelou os cuidados (dentro dos limites existentes) de documentação, prática e questionamentos, norteando as decisões tomadas. Sobre a metodologia, o material utilizado no restauro obedeceu ao princípio da compatibilidade; para isso, se fez necessária verificações laboratoriais da composição da argamassa, acompanhada de ensaios para reconstrução do traço original e registro para avaliação e condutas futuras.^{viii}

Foi realizado em São Miguel o monitoramento e tratamento de trincas e fissuras; prospecção de fundações e cadastro de interferências realizadas. Os elementos danificados foram recompostos com material similar e de qualidade para que se pudesse distingui- los dos outros não tocados. A correção do nível do terreno na parte posterior da Capela, devolveu a cota original, e evitou o umedecimento da base das paredes de taipa no contato com a terra. O calçamento com piso auto drenante, executado no alinhamento do beiral dos telhados, também auxiliou no escoamento das águas pluviais.

3. PRÁTICAS DE RESTAURO

Há de se tomar cuidado com as práticas de restauro para que não originem um ato artístico/histórico sem fundamento e que criem evidências temporais sem valor. Substituições que intitulam uma volta a um estado primitivo, o chamado “falso histórico” onde o restauro não se legitima. As soluções adotadas não foram as mesmas utilizadas pelos construtores iniciais: não é suficiente a matéria ser idêntica; há um refazimento de outro tempo, por outras mãos e, se pretende ser igual, nunca conseguirá fazê-lo: daí o falso histórico e também artístico. “[...] a obra de arte está no átimo e é presente histórico, mas é também passado e, a custo de outro modo, de não pertencer à consciência humana, está na história”.^{ix}

Se a restauração, para ser reconhecida como autêntica, não preconiza uma volta a um tempo anterior ou a supressão da história, qual atitude tomar? As intervenções fazem parte de uma seqüência de acontecimentos e as idéias de Brandi (2004) nos permitem perceber que a obra de arte se processa num reconhecimento pelas pessoas, em um “atualizar” que integra análise crítica fazendo reconhecer a autenticidade do tipo de intervenção.

O restauro se faz verdadeiro na percepção de determinado momento, enquanto história e parte de existência da obra. Como a pintura encontrada na Capela era a caiada, foi indispensável a sua manutenção, era o mais apropriado do ponto de vista estético quanto histórico. É o tipo de pintura correta para edificações históricas porque permite o respiro da parede, evitando a retenção da umidade, o que não ocorre com tintas acrílicas, PVA's e similares, nocivas ao patrimônio ao impermeabilizar paredes e aumentar o teor de umidade.

O cenário de terra (taipa), apresentado com suas modificações na retirada dos elementos que deformaram a construção e que revelaram a Capela e suas transformações em 1940, nos permitiu um entendimento do Monumento em 2006, tanto espacial como histórico. A taipa íntegra encontrada surpreendeu no seu alteamento, permitindo uma compreensão do material, que não recebeu nenhum complemento, apenas uma pesquisa da técnica de locação e combinação: taipa, pau-a-pique e adobe. A verificação dos desníveis em eixos tanto horizontal quanto vertical serviu para o mapeamento do templo como orientação para intervenções futuras. Isto também se refletiu na representação gráfica da parede de taipa, incompreensível numa linha reta e um desafio para os meios digitais.

No restauro atual, o acompanhamento de patologias além verificação da técnica empregada norteou a verificação do estado dos elementos construtivos - estabilidade, fissuras e trincas. Partindo do princípio que a escolha da técnica de recuperação depende do grau e de como a patologia se apresenta (a Capela encontrava-se íntegra na sua maioria, com alguns pontos de umidade, destacamento dos revestimentos e deterioração de poucos elementos de madeira embutidos), houve um controle de qualidade da mão de obra à execução, com estudos sobre a adaptação ao sistema construtivo atual. Deste contexto analisado foram assumidas posições considerando as características físicas do meio, os aspectos sócio-econômicos e culturais dos

usuários e os novos usos. Visualizou-se uma necessidade maior que a consolidação do sistema construtivo: a preservação do perfil arquitetônico como referência urbana e sua manutenção sem a descaracterização da técnica.

ⁱ Maurice Halbwachs, autor que em 1925 estudou a sociedade e sua relação sob o termo “memória coletiva” e que se relaciona com as obras dos historiadores Pierre Nora (Les Lieux de Mémoire, 1984) e de Michael Pollak (Memória, Esquecimento, Silêncio e Memória e Identidade Sócia, publicados em 1989 e 1992).

ⁱⁱ Na Capela tão simpática de São Miguel, daquela mesma região de São Paulo, o aspecto mais leve e gracioso resulta no alteamento da nave com paredes de adobe, material muito empregado nas reformas e acréscimos do século XVIII, e escoramento interno de madeira. O feitio primitivo desta velha Capela de 1622 – data do portal e da valiosa peça que é a grade de separação do presbitério – seria, acrescido de alpendre, o das Capelas típicas de aldeia, como a de Carapicuíba (COSTA, 1941,p. 108).ⁱⁱ

ⁱⁱⁱ A taipa de pilão, mais resistente, consegue-se através do feitio de formas de madeira- taipais-montados verticalmente. [...] As espessuras das paredes de taipa de pilão, salvo as grandes alturas variam de 40 a 80 cm e são maciças transformando-se em blocos rígidos depois de terminados (LOUREIRO, 1981,não paginado).

^{iv} In: BRUNO, 2000.

^v As casas, construídas de taipa muito sólida, são todas brancas e cobertas de telhas côncavas; nenhuma delas apresenta grandeza e magnificência, mas há um grande número, que além do andar térreo tem um segundo andar e fazem-se notar por um aspecto de alegria e de limpeza.

^{vi} Havia dúvidas sobre o critério a adotar: “ Retirar os esteios e portanto mudar a actual posição do frechal o que acarretaria mudança de toda armadura do telhado (pois o vão da nave se tornaria maior duas vezes a espessura dos esteios?)” (SAIA, 1940, sem página).

^{vii} In: Restauração Arquitetônica. A experiência do SPHAN em São Paulo, 1937-1975, Cristiane Gonçalves.

^{viii} Tem-se tido a oportunidade de examinar e analisar no NTPR (Núcleo de Tecnologia da Preservação e da Restauração) centenas de amostras de antigas argamassas, podendo-se afirmar que, no Brasil, desde as construções do século XVI até o início do século XX, oitenta por cento das argamassas eram bastardas (OLIVEIRA, 1995, p.43)

^{ix} Brandi, 2004.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A lista de referências deve ser organizada em ordem alfabética do sobrenome do primeiro autor. F Não numere as referências. Fonte Arial 10 normal, espaçamento entre linhas 1,5, alinhado à esquerda. As

referências bibliográficas devem seguir obrigatoriamente as normas estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Exemplo:

Referências Bibliográficas

BRANDI, Cesare. *Teoria da restauração*. Tradução: Beatriz Mugayar Kühl. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

COSTA, Lúcio. *Registro de uma Vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

_____. _____. *A Arquitetura Jesuítica no Brasil*. São Paulo: FAU/USP/MEC/IPHAN, 1978.

_____. _____. Lucio. *Documentação Necessária*. In: Revista do Patrimônio no 1, p. 91.

_____. _____. Lucio, “*Muita Construção, Alguma Arquitetura e um Milagre*”, in Arte em Revista n.4, 1985 p. 38.

GONÇALVES, Cristiane Souza. *Restauração arquitetônica: a experiência do SPHAN em São Paulo, 1937-1975*. São Paulo: Annablume / Fapesp, 2007

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990

KANAN, Maria Isabel. *Manual de conservação e intervenção em argamassas e revestimentos à base de cal*. Brasília, DF, Iphan / Programa Monumenta, 2008.

KUHL, Beatriz Mugayar. *História e Ética na Conservação e na Restauração de Monumentos Históricos*. Revista CPC, São Paulo, v.1, n.1. São Paulo: 2005/ 2006.

PETRONE, Pasquale. *Aldeamentos paulistas*. São Paulo: Edusp, 1995.

SAIA, Luís. *Morada Paulista*. Coleção Debates, G3. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

_____. _____. Luiz., *A casa bandeirista – uma interpretação*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, 195.

_____. _____. Luiz. *O Alpendre nas Casas Brasileiras*. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Volume 3,RJ, 1939.

_____. _____. Saia. *Cartas de Restauo da Capela de São Miguel Arcanjo*.. 9ª Regional do IPHAN, São Paulo, 1939-1940.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de S. Paulo*. São Paulo: Livraria Martins/Editora da USP, 1972.

TOLEDO, Benedito Lima. *São Paulo, três cidades em um século*. São Paulo: Cosac Naify, 2007
